

## Uma escola de arte livre para crianças

### Uma reportagem na séde da Associação dos Servidores Civis do Brasil

Uma correspondência de Milão, assinada por Kollreutter, publicada no "Estado de Minas" em princípios de janeiro último, nos dá notícia do que foi a Exposição Internacional de Desenhos Infantis, ali realizada sob os auspícios do Centro Pedagógico Milanês. Participaram do certame vinte e cinco países, inclusive o Brasil, e, para a sua organização muito trabalhou a Dra. Paccagnella, conhecida educadora italiana e vice-presidente do Centro.

O critério que norteou a escolha do material exibido — tanto procedente de Marrocos e Madagascar como da Finlândia ou dos Estados Unidos — foi o da preferência pelos desenhos mais espontâneos, uma vez que psicólogos e pedagogos, conforme explicou a ilustre organizadora, já estão

acordes em que "o papel do desenho infantil como expressão universal é importantíssimo, tendo-se em conta o fato de ser êle uma linguagem espontânea da criança, mais forte até que a linguagem falada".

Para a criança, observaram os repórteres, qualquer que seja a sua nacionalidade, a natureza é sempre a mesma e os processos de manifestação gráfica sempre idênticos. Mas quanto aos desenhos das crianças brasileiras, o que poderia ter acontecido na exposição de Milão? Aqui vale a pena transcrever a resposta da Dra. Paccagnella à interrogação dos repórteres: "Naturalmente preferimos os mais espontâneos. Fizemos uma seleção na remessa de cada país e tudo o que nos pareceu ajudado ou mesmo sugerido por adultos



Um grupo de crianças na sala de aula da A. S. C. B.



Linhas e cores

foi deixado de lado. No entanto esse trabalho seletivo não pôde ser feito em relação aos desenhos vindos do Brasil. Como vêem — e a pedagoga sorriu gentilmente do nosso embaraço — não tivemos muito o que escolher. Não recebemos nenhuma criação verdadeiramente livre das crianças brasileiras. Isso não quer dizer, é claro, que a infância do Brasil não sinta necessidade de usar também a linguagem gráfica como a infância de todos os países do mundo. Apenas, creio que fizeram lá uma seleção completamente diversa da que fizemos aqui. Preferiram as crianças espontâneas pelos desenhos chamados “bem-feitinhos” e carentes de originalidade. Acharam, por certo, que isto aqui, apontou um renque de palmeiras feito com régua e apresentando uma perspectiva perfeita) era mais interessante do que uma criação desse “tipo”, mostrou o desenho de um pequeno argentino, encantador de liberdade inventiva”.

Tem razão a Dra. Paccagnella: a infância brasileira não apenas sente necessidade de usar a sua linguagem gráfica — que, de resto, sempre usou, embora reprimida — mas já tem ambiente para livremente exprimí-la e, a não prevalecer nas futuras escolhas, aqui, a regra de que a melhor promessa de artista está no trabalho da “precocíssima” criança que melhor imita um grande artista, conforme observaria Herbert Read, a criança do Brasil já pode mandar às exposições no estrangeiro os seus desenhos espontâneos e puros, nos quais os círculos artísticos de outros países poderão ver que, sob o Cruzeiro do Sul, a infância se comporta tão dignamente quanto à de qualquer outra parte onde lhe seja reconhecido o direito à liberdade.

O respeito a esse direito elementar é a norma de um modesto curso de arte livre para crianças que, há pouco mais de dez meses, está em ativi-

dade, com freqüência numerosa e assídua, na Biblioteca Castro Alves, da Associação dos Servidores Cíveis do Brasil.

Naquele pequeno espaço do segundo andar do Edifício IPASE entre dois canteiros, Augusto Rodrigues e um grupo de dedicadas professoras, instalaram êsse curso livre de desenho e modelagem, convencidos de que a atividade artística é uma necessidade para a criança não só como recreação mas como o meio mais saudável de esti-

transmitir-lhe as técnicas, o conhecimento dos materiais e dar-lhe o ambiente propício à criação.

Como se vê nada há de rígido nesse programa que é antes um modelo de fluidez e antiacademismo. Nas fotografias que ilustram estas páginas pode-se perceber o senso de responsabilidade que anima as crianças entregues à sua própria iniciativa, na alegria de criar brincando. Mas brincando com seriedade, livres do mito do primeiro da aula e do medo do êrro, que é um outro mito,



*Frêvo de papel e arame*

mular o desenvolvimento de sua personalidade, encorajando-a ainda a descobrir centros positivos de interesse no seu próprio ambiente.

Pode-se dizer, em resumo, que o curso se orienta pelos seguintes princípios gerais:

1 — Só é possível o ensino de desenho, como das artes em geral, dentro de um conceito amplo de liberdade e, simultaneamente, de respeito à espontaneidade da criação artística.

2 — Quando as várias disciplinas de arte funcionam harmônicamente na Escola, há um enriquecimento geral do conhecimento adquirido pela criança de cada disciplina em particular pelo fato de que essas disciplinas se interpenetram e abrem às crianças horizontes mais amplos.

3 — O professor de desenho, como de artes em geral, deve saber que o trabalho da criança deve ser livre e que ao professor cabe apenas



*Samba de morro*

confiantes em si mesmas e certas de que seus trabalhos merecem atenção, porque no recinto do curso, selecionadas periódicamente, vão figurando em exibição aquêles desenhos, pinturas, modelagens que mostram o desenvolvimento de suas individualidades e o desabrochar de pequenas criaturas às quais não foi negado o direito de tomar conhecimento das várias técnicas de arte e de as exprimir livremente.

Na exposição permanentemente renovada, vamos encontrar uma enorme variedade de técnicas novas e de trabalhos que refletem a personalidade dos pequenos artistas.

Assim, ao lado de desenhos e pinturas, temos os bonecos do teatrinho de fantoches e os croquis de cenários e costumes para as peças que deslumbram a gurizada. Feitos de arame e papel surgem, vivas, figuras de bailarinos e tipos populares do nosso folclore.

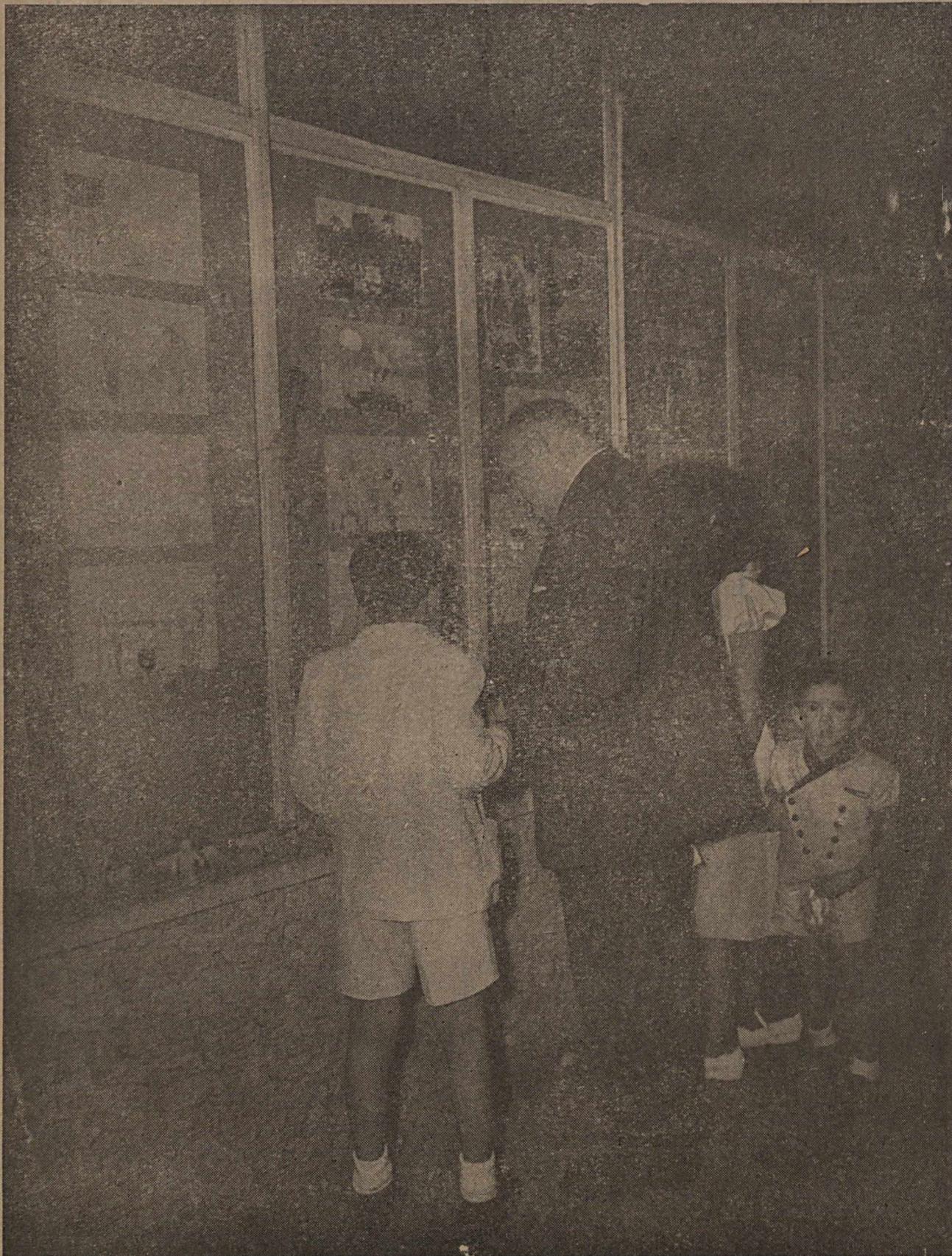


*Modelando no barro*

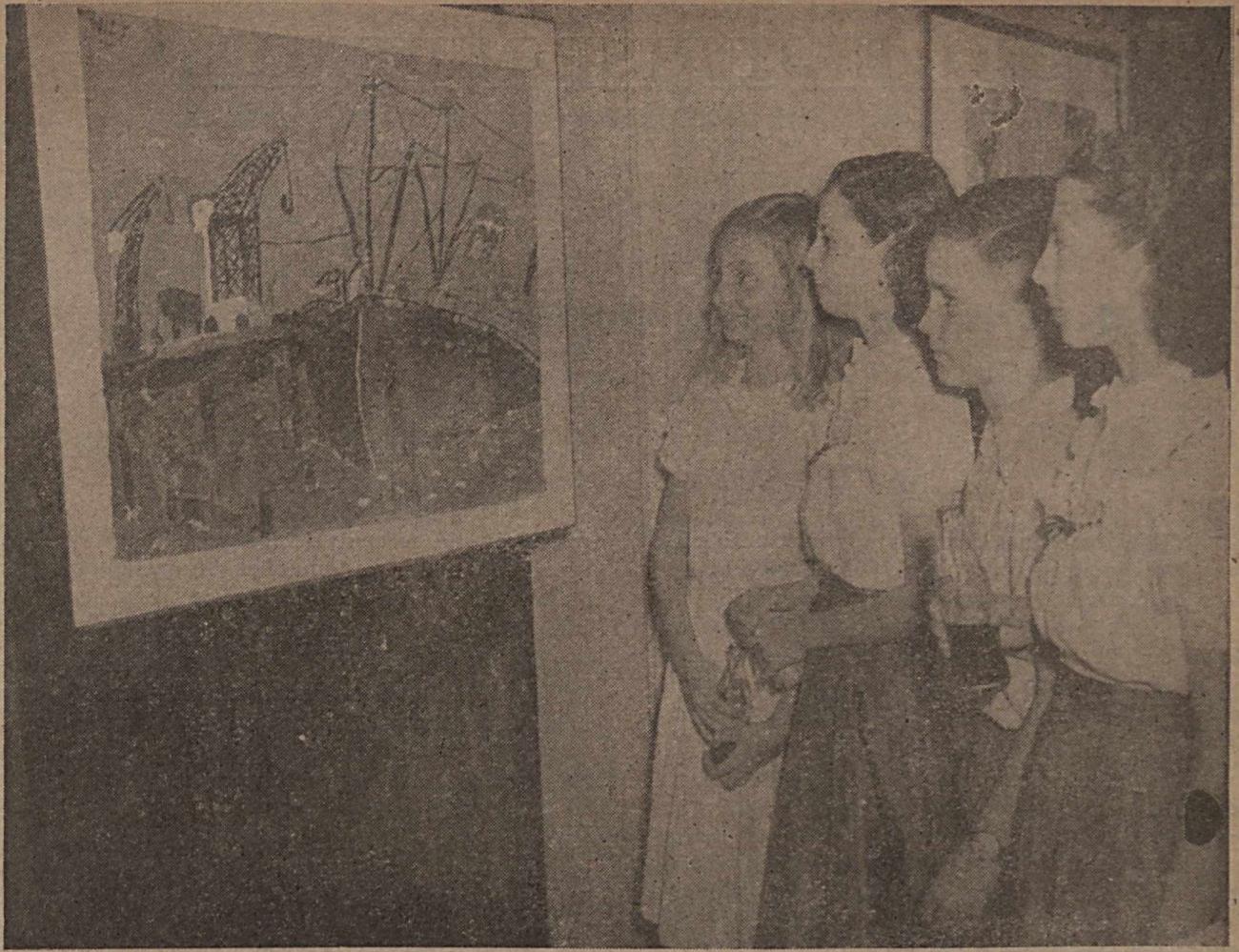


E tôdas essas múltiplas atividades de crianças entre 3 e 12 anos — idades das travessuras — têm lugar num ambiente de harmonia e disciplina estabelecida pelas próprias crianças,

Durante as aulas, dentro dessa disciplina, pode-se observar crianças de três, quatro ou cinco anos silenciosamente absortas na mistura de côres e na descoberta de formas.



*Exposição permanente*



*Apreciando o trabalho*

